

Quem conta um conto: os caminhos da linguagem -- Alessandra Vaghi

Para além de uma afirmação da criatividade ou da fantasia humana, o ditado popular “quem conta um conto aumenta um ponto” – que, como todo ditado é a destilação de uma verdade cabal e empiricamente testada por gerações –, mote de partida desta exposição de Alessandra Vaghi, aponta para o fato de não existir um texto puro, sendo toda narrativa um intertexto, uma sedimentação de sentidos, contendo em si fragmentos, ressonâncias, ecos e traços de outros discursos e sensações. Portanto, coerentemente, o próprio trabalho de Alessandra se dá numa confluência; entre escrita e desenho; poesia e imagem; tempo e espaço. Sendo um desenho concebido na tridimensionalidade espaço arquitetônico, o elemento básico da instalação “conta um conto aumenta um ponto” é o traço, a linha. Sua relação com a escrita – principalmente com a poesia – é fundamental, e um dos pontos mais marcantes da obra de Alessandra Vaghi. Como para Penélope, que de dia tece e de noite descostura a mortalha de Ulisses, na obra-prima de Homero, fundadora da poesia ocidental, para Alessandra o ato de cozer – metáfora para a escrita – está impregnada de memória e afeto. Pois, quem escreve, rasura. Quem escreve, reescreve. O crochê surge espacialmente na obra de Vaghi como memória afetiva, desfiando vestidos antigos de sua avó falecida (na série “Sem Fronteiras”, exibida na Bienal do Mercosul, 2005), desvelando, minuciosamente, impressões e histórias. Da mesma forma, a relação da artista com a poesia também obedece a uma inscrição afetiva: a incorporação de referências aos poemas do seu bisavô, Jacque D’Avray (José de Freitas Vale), e de poemas essenciais do nosso idioma, como “O caso do vestido”, de Drummond. Na instalação concebida para o MAM-Bahia, o crochê une-se à areia, outro elemento que remete ao tempo, à memória e à escrita, para criar um lugar de *experimentação da origem da poesia*. Como não pensar em “O livro de areia”, de Borges, ou nos labirintos de “A biblioteca de Babel”? Em alguns textos do escritor argentino, assim como na obra de Alessandra Vaghi, inscreve-se uma história sem começo ou fim, os traços significante sempre em deslize, fugidio, ecoando mensagens múltiplas, como uma promessa (uma lembrança, um achado, uma palavra) sempre prestes a ser realizada. Neste sentido, a instalação “conta um conto aumenta um ponto” é um convite à introspecção, à investigação do nosso lugar (o lugar do espectador, imerso no ambiente/livro em aberto proposto por Vaghi) na narrativa do mundo; uma viagem circular no lugar onde nos encontramos, que se revela infinito. Como não pensar também, portanto, em Lewis Carroll e sua Alice, especularmente desdobrando e

implodindo as experiências de espaço e tempo, oferecendo-nas de volta lá – e apenas lá – onde elas podem ser experimentadas: em linguagem. Pois a obra de Alessandra Vaghi, como o próprio título sugere, pode ser compreendida como uma ode à linguagem – em sua emergência mais radical: a poesia – que ao mesmo tempo nos constitui e nos desvela, nos encaminha e descaminha.

Renato Rezende